

A nossa posição é clara:

OUA apoia Acordo de Nkomati

• Continuamos com a SWAPO pela Namíbia Independente — declarações de Hashim Mbita

O Secretário Executivo do Comité de Libertação da Organização de Unidade Africana, Hashim Mbita, disse sexta-feira, em Maputo, que a assinatura do Acordo de Nkomati entre Moçambique e a África do Sul é um passo bastante significativo para relações de paz e boa vizinhança entre os dois países e entre os Estados da África Austral. Ele disse, também, que a OUA está neste momento a desenvolver todos os esforços para que seja implementada a Resolução 435, que preconiza a imediata independência da Namíbia, território ocupado ilegalmente pela África do Sul.

Durante o encontro que manteve com jornalistas moçambicanos, nos escritórios da OUA, em Maputo, Hashim Mbita deu particular destaque ao Acordo de Nkomati, assinado entre Moçambique e a África do Sul, e falou, demoradamente, sobre os esforços que a Organização de Unidade Africana tem estado a dar com vista à implementação da Resolução 435 das Nações Unidas, que preconiza a independência da Namíbia.

PERGUNTA — A que é devida a sua visita a Moçambique?

HASHIM MBITA — Encontro-me numa visita de rotina pelos países membros da Linha da Frente, conduzindo consultas com os Governos sobre o ponto da situação da luta de libertação na África Austral. Neste âmbito, avistaram-me também com os líderes dos movimentos de libertação, para com eles trocar pontos de vista sobre o que somos capazes de fazer e como obter apoio para a luta de libertação. Tive consultas, antes e durante a minha estada, com as autoridades moçambicanas. Mantive também úteis conversações com o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Joaquim Chissano, quando ele esteve na reunião do Conselho de Ministros da OUA, em Adis Abeba, no início deste mês, para além de que fui ainda recebido, aqui em Maputo, pelo Presidente Samora Machel, de quem obtive pontos de vista extremamente úteis sobre a situação actual na África Austral.

— Qual é o sentimento da OUA em relação ao Acordo de Nkomati assinado entre os Governos de Moçambique e da África do Sul?

— O sentimento da Organização de Unidade Africana sobre este Acordo entre a República Popular de Moçambique e a República da África do Sul foi muito bem expresso pelo Conselho de Ministros, no início deste mês, quando o Ministro Joaquim Chissano teve

oportunidade de informar o Conselho sobre o que se estava a passar nesta parte do Continente. O Conselho de Ministros da OUA expressou a sua profunda compreensão pelos passos que estavam a ser dados pelo Governo moçambicano. Eu, pessoalmente, sinto que a posição tomada pelo Governo moçambicano constitui um esforço sincero para assegurar a paz em Moçambique e na África Austral, em geral. Considero que esta foi uma decisão positiva, porque a paz é um bem que a África sem-



Hashim Mbita

pre procurou obter. Por isso, não achamos que esta decisão seja, de qualquer forma, contraditória com o nosso contínuo esforço em conseguir a independência da Namíbia e a eliminação do «apartheid», na África do Sul.

Neste processo, há dois aspectos fundamentais que precisamos de tomar em conta: um é existir a paz entre os países vizinhos e o

outro que é ter opiniões diferentes, o que não é coisa estranha. Sabemos que em qualquer parte do Mundo, as pessoas vivem em paz, não obstante terem opiniões divergentes sobre alguns aspectos da sua existência. Portanto, o Conselho de Ministros da OUA expressou a sua simpatia e compreensão, relativamente aos passos dados pelo Governo de Moçambique visando a paz e boa vizinhança.

PRESSONAR A ÁFRICA DO SUL PARA POR FIM AO «APARTEID»

— Ao que parece, o Governo da África do Sul está a tentar usar o Acordo de Não Agressão e Boa Vizinhança, assinado com Moçambique, para quebrar o seu isolamento internacional. Tem pedido apoio ao Ocidente, dizendo que, com a assinatura do Acordo, se deve terminar com o boicote cultural e o embargo de armas. O que pensa sobre isto?

— Acho que é tão artificial pensar que a África do Sul não vai usar os seus amigos do Ocidente para promover tal campanha, como o é também pensar que o Acordo de Não-Agressão e Boa Vizinhança, assinado entre a RPM e a RAS, se destina a quebrar o isolamento da política do «apartheid» seguida pela África do Sul, por parte da Comunidade Internacional. Eu, pessoalmente, sei, assim como Moçambique sabe, que o «apartheid» foi declarado internacionalmente, como um crime contra a Humanidade e, assim, continuaremos, como temos vindo a fazer, a trabalhar para a abolição deste sistema de discriminação.

Estou certo que Moçambique renova a sua solidariedade para com o Povo da África do Sul, através do ANC, dando apoio político e diplomático, até à eliminação total do «apartheid», na África do Sul. Por esta ocasião, apelamos à

Comunidade Internacional para que continue a campanha de isolamento da África do Sul, devido à sua política e prática do «apartheid». Nenhum pacto houve entre Moçambique e a África do Sul sobre a eliminação do «apartheid». Não houve pacto entre o Governo da África do Sul e o Povo sul-africano que ponha termo ao «apartheid». Por isso, só poderemos pa-

trassada por manobras e contra-manobras da África do Sul, com a ajuda dos Estados Unidos. E, agora, chegámos quase a um impasse, em que nos últimos oito ou nove meses nada aconteceu, relativamente à implementação da Resolução. Infelizmente — conforme vocês acompanharam — o Ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul declarou ontem (quinta-



Hashim Mbita, falando aos jornalistas moçambicanos

ra com o isolamento da África do Sul apenas quando tiverem sido removidas as razões desse isolamento, ou seja, quando a África do Sul optar pela igualdade de Direitos Humanos e pela abolição da abominável política de divisão racial, no seu próprio território. Por este motivo, não vemos o Acordo de Nkomati como um fim do isolamento da África do Sul «vis-à-vis», a sua inaceitável política do «apartheid».

SOBRE A NAMÍBIA E A RESOLUÇÃO 435

— Como é que o Comité de Libertação da OUA avalia desenvolvimentos mais recentes na Namíbia, tanto do ponto de vista diplomático, como da luta armada?

— Vemos que tem havido alguma movimentação de mês e meio a esta parte, ao nível diplomático. Saudamos tais desenvolvimentos, mas estamos a seguir cautelosamente as mudanças que parecem advir. Discutimos a questão da Namíbia, ao nível diplomático, desde 1978, quando o Conselho de Segurança das Nações Unidas adoptou a Resolução 435, que nasceu dos países ocidentais, membros permanentes daquele organismo, nomeadamente os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, juntamente com a Alemanha Federal e o Canadá. Eles tomaram a iniciativa de procurar uma solução pacífica para a questão namibiana. Propuseram esta resolução que foi bem recebida em África e pelos países Não-Alinhados.

Desde essa altura, a implementação da Resolução 435 tem sido

-feira) que mantinha a exigência da retirada das tropas cubanas de Angola, como pré-condição para a implementação da «435», que nunca conteve tais condições, desde a sua elaboração e aprovação pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 1978. Posso dizer, portanto, que ainda há falta de vontade por parte da África do Sul, em aceitar a Independência da Namíbia, por meios pacíficos.

O Comité de Libertação da OUA, tem, desde o princípio, apoiado a SWAPO no seu legítimo direito à liberdade do seu país, através de todos os meios, ao seu alcance, incluindo os meios diplomáticos e constitucionais, se possível, e caso não, estaremos na contingência de apelar para a intensificação de outras vias, entre as quais a luta armada, que tem sido levada a cabo há vários anos. Não poderemos continuar a contar com o nosso apoio, até que eles consigam a sua Independência. Devo dizer que a confrontação armada da África do Sul na Namíbia atingiu uma etapa muito elevada e, para evitar mais perdas de vidas, sofrimento humano e destruição da propriedades e infra-estruturas económicas e sociais, os sul-africanos não deviam, senão aderir à Resolução 435 e aceitar a sua implementação.

África está pronta a apoiar os esforços genuínos para uma solução pacífica da questão namibiana. E se isto não resultar, a África está, igualmente, pronta a continuar a apoiar o Povo da Namíbia, através da SWAPO, em qualquer meio que se possa escolher para a Independência deste território.

Alguns dados de Hashim Mbita

O Coronel Hashim Mbita nasceu em 2 de Novembro de 1933, em Tabora, na Tanzânia. Foi estudante da «Tabora Government School» e na «East African School» e na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos. Ele frequentou também a Escola Oficial de Cadetes da Grã-Bretanha.

Hashim Mbita, entre 1967 e 1968, exerceu o cargo de Secretário de Propaganda na União Nacional Africana da Tanzânia (TANU). De 1970 a 72, assumiu a função de Secretário Executivo Nacional da TANU. Actualmente é o Secretário Executivo do Comité de Libertação da OUA.

Hashim Mbita encontra-se perfeitamente ligado à história do nosso País, desde o período da Luta Armada de Libertação Nacional contra o colonialismo português. Visitou as Zonas Libertadas, durante a Luta Armada, e foi convidado pelo Presidente Samora Machel a fazer visitas do Rovuma ao Maputo. O actual Secretário Executivo do Comité de Libertação da OUA teve a ocasião de participar na proclamação da nossa Independência.



Durante a Luta Armada, Hashim Mbita visitou as Zonas Libertadas. Na imagem, ele segue o Presidente Samora Machel